

Editor — *Germano Alves.*  
 Redactor — *Abílio Domingues.*  
 Administrador — *José A. Alves.*

# A NEVE

Redacção e administração —  
 Rua do Progresso, n.º 5 — Castro-  
 Laboreiro — Melgaço.

Director — *Abílio Alves Carajel.*

Compósito e impresso na tipografia do  
 «Jornal de Melgaço»

Propriedade da empresa A Neve.

Assinaturas — *Ano 3\$50;*  
*semestre 1\$80; trimestre 90.* Co-  
*lónias portuguezas 4\$50. Países*  
*da União Postal (moeda portugue-*  
*za) 6\$00. — Número avulso \$10.*

Publicações — *Linha, corpo*  
*do jornal \$10. Anúncios e recla-*  
*mes, contrato especial.*

Pagamento adiantado.

Semanário independente:-- Por Castro-Laboreiro

## Pedi e receberéis

*Nós pedimos também para portarmos milho para Espanha; somos duas mil e cem receber.*

*Pedimos à Ex.ª Câmara almas, gastamos para mais de para que nos fôsse entregue trinta alqueires diários e sa-a casa dos antigos Paços do bem que aqui se não colhe; e Concelho, assim de ser reedi- além disso, nós de tudo pas- ficada para casa escolar des- saremos. miséria, mehos de ta freguesia e honra lhes se- pão. Muito milho tem vindo ja feita, a Ex.ª Câmara de Espanha para esta fregue- atendeu a nossa petição.*

*Esta petição era justa, pois autoridades espanholas não que doutra forma esta fre- exercessem a maior vigilân- guesia ficaria sem casa esco- cia. lar e sem escola propriada Pedimos uma estrada, es- para esse fim. trada essa que está estudada*

*Pedimos também milho pa- e delineada pelos nossos go- ra comer, a primeira necessi- vèrnos há mais de trinta e dade da vida e não consenti- cinco anos. mos que ninguém, absoluta- Olhem por nós aquêles mente ninguém, tenha a an- aquêem esse dever lhe compe- sudia de nos acusar de trans- te.*

## O Castelo de Castro-Laboreiro

Quasi todas as Vilas anti- obedeçia a guarnição do mes-  
 gas possuem o seu Castelo. mo. Nessa ocasião era este um  
 Castro ou Crasto como lhe dos Castelos mais fortes e que  
 chamavam os antigos e que a guarnição melhor podia de-  
 actualmente apenas simbolisa fender, devido à sua situação  
 o poderio dessas Vilas na an- e solicita construyção. Fica  
 tignidade quando ainda as ar- situado próximo da Vila de  
 mas não eram de efeitos tão Castro-Laboreiro, cuja popula-  
 destruidores. Segundo a tradi- ção acolhia quando se dava te-  
 ção, no tempo do feudalismo qualquer invasão, coroando lo  
 era Castro-Laboreiro um feu- um monte de grandíssima alti-  
 do do Conde de Barcelos a tudude e de difficilno acesso, de  
 quem pertencia o dito Castelo das pois por qualquer lado apenas  
 de Castro Laboreiro e a quem existe o abismo.  
 tadas nas mesmas. No cimo do dito monte,  
 existia um grande largo orlado  
 pelas muralhas, ora construi-  
 da sobre as rochas, ora cor-  
 dadas nas mesmas.

Teem as muralhas abertas suidores o não terem de se  
 em si três portas, uma volta- render pela sede.  
 da ao norte e denominada a A sua situação, no ponto  
 «Porta do Sapo», e duas vol- talvez mais alto da freguesia,  
 tadas ao nascente e denomi- permitia o avistar a enormes  
 nadas a «Porta do Sol» e a distâncias, em qualquer direc-  
 «Porta da Fonte». ção, qualquer inimigo que o

A «Porta do Sapo» é pe- viesse atacar. E' pena que a  
 quena e sobranceira a um rapaziada e os *doidos*, que ali  
 precipício. E' facilma de defen- procuram um tesouro escondi-  
 der, pois, apenas ali pode che- do, tenham arruinado da-  
 gar a entrar um homem de quela' forma um monumento  
 cada vez. O caminho para es- de grande significação patrió-  
 ta porta teve de ser cavado tica e que é digno de servis-  
 na rocha e por forma, que em to e admirado por qualquer  
 alguns sítios, apenas de ras- pessoa sentimental e admira-  
 tos se pode caminhar. dora do *belo horrível*.

A «Porta do Sol» é maior Qualquer pessoa não habi-  
 e da mesma forma. Dá-lhe tuada a escalá-lo sente verti-  
 acesso apenas um caminho de gens e corre perigo de cair  
 carro, embora já quasi des- nalgun despenhadeiro, termi-  
 truido por completo, até perto nado por um abismo.  
 da porta, a um largo exterior Devido a estas circuns-  
 às muralhas, dominado por tâncias, uma diminuta guar-  
 uma rateira, aberta aavez da nição fazia frente a um enor-  
 rocha, onde as muralhas as- me exército. Por bastantes  
 sentam. vezes defendeu a nossa honra

Era por a «Porta do Sol» nacional, durante as invasões  
 por onde a guarnição recebia dos espanhóis e franceses —  
 a lenha e mantimentos e foi soldados da Palmilha e da Ga-  
 por onde subiram ao Castelo linhola — como dizem lhe tra-  
 as antigas peças de artilharia mavam os bravos, que por  
 que me dizem encontrarem-se diversas vezes os combateram  
 ou em Valença, ou no Arse- e venceram.

Tem o Castelo um inimigo  
 fidalgo que o tem perdido, é  
 a lenda de um tesouro que  
 um Governador ali deixou es-  
 condido e que todos os *doidos*  
 ali vão procurar, demolindo  
 aquilo que todos deviam pr-  
 curar conservar, por ser a re-  
 cordação de factos em que es-  
 ta terra contribuiu para a in-  
 dependência e defesa da Pá-  
 tria Amada.

Esta porta não precisava  
 defesa pois ninguém consegui-  
 ria pelo lado exterior alcançá-  
 la. Era de grandíssima utili-  
 dade, pois, permitia aos pos-  
 tados nas mesmas.

## Um poço

um um um

Eu visitei este ano uma quinta onde existem uns poços profundamente cavados numa expressa rocha pelo despenhar duma água que depois se vai casar com as do rio Ancora.

Esses poços são conhecidos nas redondezas pela designação — «Poços do inferno».

Os habitantes do lugar, há pouco tempo ainda afirmavam que, em noites de luar e cerca da meia noite apareciam junto aos poços almas do outro mundo. Esta tradição tinha como muitas outras, certo fundamento em antigos acontecimentos.

Numa dessas noites, em que a lua se reflecte a médo sobre a prateada superfície dum tranqüilo lago, saí da quinta, a forma delicada duma mulher, que se encaminhou para o local dos poços, parando junto do mais sombrio.

Prestes se aproximou um esbelta mancebo que, até então havia estado oculto pelo tronco dum carvalho anoso, sobranceiro ao abismo, o qual, num tom muito apaixonado, recheio de mágia e sublimado amor, lhe disse:

— «Augusta, anjo querido dos meus sonhos, bemijas tu e teu gentil coração em vires aqui, e concederes-me este momento de ventura! Quanto quizeras dizer-te, mas mal o posso expressar.» Augusta encostada ao ombro do seu bem amado, ouvia silenciosa o que elle dizia. «Para que envenenar momentos tão felizes?

«O brilho dessa luz não deve ser ofuscado pelo negrume dos meus sofrimentos!

Aqui, Augusta, encara-o e vê traçada em seu semblante a mais repugnante dor. Horrorizada e trémula, exclama:

Júlio, Júlio, viestes tu aqui para dilacerar este coração — vá esperança. Tua mãe já mais que é teu? Vieste acaso para

quebrar os teus votos? Oh! Mitirá que tu dês a mão de esposa a um homem sem fortuna e que não tenha em suas veias um sangue de novo rico. Segue-me se me amas.

— Querida Augusta dissipa vãos temores e enxuga essas lágrimas. Enquanto tiver alento a minha vida é tua.

— Mas... tenho que fugir! Tua mãe persegue-te até a morte.

— Vem comigo, fujamos!

Minha charret voará contigo. Deixa essa triste vivenda e seus melancólicos encantos e segue-me que serás a minha maior felicidade.

Vem e sê minha.

— Retira-te alma daninha, cruel que me mortificas.

— Oh! meu Deus como seguir-te?

— Como abandonar minha familia inteira?! Entregá-los ao desespero e à deshonra?

— Trair todo o affecto que em mim depositaram?

— Oh! Júlio, deixa-me primeiro beijar as mãos de quem me deu o ser! Aguarda até amanhã, pois confio que as minhas súplicas vencerão a sua repugnância.

— Inútil empenho Augusta, consentirá.

Amo-te, com diverso sentimento  
Dêsse, que a tua enflora e alinda;  
E, embora sejas elegante e linda,  
Não és nem minha luz nem meu torment

Resume Amor o azul do firmamento  
Povoado de astros e de sonhos... Finda  
Essa paixão, em hora ingrata vinda,  
Para fazer-se o meu constrangimento.

Foge a êsse amor, serenamente; vence-o;  
Aniquila-o; enxuga-o; de tal sorte,  
Que ele se torne o asilo do silêncio...

Escuta a voz de uma alma comovida:  
— Se paz se encontra uma só vez na morte,  
Amor se sente uma só vez na vida.

Leôncio Corrêa.

O seu orgulho nunca permitirá que tu dês a mão de esposa a um homem sem fortuna e que não tenha em suas veias um sangue de novo rico. Segue-me se me amas.

— Se me amas aguarda até amanhã!

— E amanhã?

— Amanhã Augusta será tua. Proferidas estas palavras e quando já unidos num amplexo damôr, a mãe aparece de surpresa e exclama:

— Inferno! Antes a morte que semelhante namôro!

Aterrados, abraçaram-se, recuam e resvalam para dentro do abismo.

Uma nuvem, que vinha do Sul ofuscou a lua e um rouxinol sobre a ramagem do carvalho anoso, imitou as notas tristes do Miserere.

1-12-920.

Bento Morais.

## O nosso jornal

Pedimos a tôdas as pessoas a quem enviarmos «A NEVE» e que não queiram assinar o favor de a devolver à redacção.

A DIRECÇÃO.

## Uma caçada

Havia instantes que o som da busina, ecoando aos nossos ouvidos, nos convidava a reunir no ponto combinado na vespera, para a partida.

Já o Sol apparecera no horizonte e os seus raios meigamente beijavam a terra, enxugando o orvalho que a noite depositara no arvoredo.

Tudo se preparou encetando a marcha, que seria a batida em procura dos coelhos, perdizes e outra peça de caça, que descuidadamente brincasse aspirando o perfume suave de uma linda manhã de Outono e procurando ora um graieiro de centeio, ora uma ervasinha tenra com que se alimentasse.

Qual regimento a caminho do combate, assim nós marchamos, em ordem, escutando os conselhos de um práctico, que seria o chefe dirigente da caçada.

Eis-nos chegados à montanha e dispostos em linha de atiradores, ora avançando, ora parando à espera que os cães procurassem bem o terreno. Estávamos contemplando os cães, que alegremente farejavam já os rastros das perdizes, quando amarrando-se sentimos aquelas levantarem-se e procurar na fuga a salvação. Meter armas à cara e fazer logo foi obra de um momento.

Fizera-se ouvir uma descarga cerrada, seguida de algumas detonações, de tiros disparados por caçadores, que conseguiram repetir, e de gritos de alegria daqueles felizardos que conseguiram derubar o alvo.

!Que alegria! Como nos sentíamos bem, perseguindo e destruindo, com uma raiva de feras, esses inofensivos animaizinhos, que timidamente se refugiavam, à nossa aproximação, não querendo por forma alguma gosar da nossa companhia.

Mais e mais perdizes foram aquilo, que nada o prejudicando, ficando umas e ca-  
seguinte outras; até à tardi-  
nha que vimos o único coe-  
lho, que tentado subir um  
penedo, em direcção à toca,  
foi derrubado pela dupla des-  
carga de uma arma de dois  
canos.

O Sol que todo o dia se  
mostrara nessa imensidão do  
azul celeste, acabava de des-  
aparecer. no Poente, por en-  
tre os cumes recortados das  
serras, que o escondiam da  
nossa vista; quando se fez ou-  
vir demoradamente o som rou-  
co da busina do comandante,  
marcando o fim da caçada e  
ordenando a retirada.

Todos ordenadamente vol-  
tamos para o lugar.

Ora cantando, ora discuti-  
ndo episódios da caçada e  
lembrando todos o prazer sen-  
tido almoçando no monte,  
qual regimento em bivaque.

Terminou assim uma caça-  
da em que bastantes animais  
pereceram, cruelmente sacri-  
ficados. pela fúria do homem,  
que sentindo em si as inclina-  
ções dos nossos antecedentes  
—os bárbaros—apenas sen-  
te o prazer destruindo, mesmo

C. Laboreiro, 3-12-920.

Aolão.

**Noticiário**

**A antiga casa da Escola de Castro-Laboreiro**

Foram a Melgaço para con-  
seguir, da Ex.<sup>ma</sup> Câmara Mu-  
nicipal, a promessa de não  
arrematar esta casa, como es-  
tava determinado para o dia  
8, os ex.<sup>mos</sup> srs. P.<sup>o</sup> Francisco  
Fernandes, António Bento Do-  
mingues e Germano Alves.

De regresso trouxeram-nos  
a boa notícia de que a dita  
casa não seria arrematada e  
pelo contrário a Ex.<sup>ma</sup> Câma-  
ra ajudaria a reconstruir ao  
povo desta freguesia, que ten-  
ciona prepará-la para ali se  
instalar a Escola de Ensino  
Primário Geral, que actual-  
mente funciona num edificio  
impróprio e pelo qual é pre-  
ciso pagar aluguer.

Aos ex.<sup>mos</sup> membros desta  
comissão, damos os parabens  
pelo seu feliz successo, assim  
como felicitamos a Ex.<sup>ma</sup> Câ-  
mara por nos fazer Justiça..

**Montaria**

Vai realizar-se no próximo  
sábado, 11 do corrente, por  
um numeroso grupo de caça-  
dores desta freguesia, a aba-  
tida ao javali nas serranias  
ingremes das Infantas, Cur-  
ral Velho, etc..

«A Neve» far-se há repre-  
sentar pelo seu Corpo Reda-  
ctorial.

**Casamentos**

Efectuou-se hoje dia 9, em  
Melgaço no salão do Registo  
Civil, o casamento do nosso  
amigo e assinante, sr. Antó-  
nio Domingues, com a sr.<sup>a</sup> D.  
Maria Fernandes Pereira, es-  
ta do lugar do Rodeiro e aqúe-  
le do de Portelinha.

Aos noivos desejamos mil  
felicidades e uma perene lua  
de mel.

\* \* Deve realizar-se breve-  
mente mais o seguinte casa-  
mento, cujo Edital se encon-  
tra afixado à porta do Registo  
Civil desta freguesia, do sr.  
José Joaquim Esteves, com a  
sr.<sup>a</sup> D. Maria José Gregório,  
ambos do lugar de Porteli-  
nha.

**A ÚLTIMA HORA**

Os operários da  
Empresa das Mi-  
nas Carbonife-  
ras de Barreiras  
Branças e Penha  
da Namão, decla-  
raram-se em gre-  
ve, pedindo 100  
ojo de aumento  
de salário.

**A ESPANHOLA**

Fábrica de chocolates mo-  
vida à força hidraulica, fun-  
dada 1908 e reconstruida em  
1919. Chocolates fabricados  
pelos últimos sistemas adota-  
dos em Madrid e Barcelona:  
cacau, caraca, açúcar, canela,  
baunilha e uma pequena quan-  
tidade de manteiga de vaca.  
Viuva de Domingos Antó-  
nio Alves & Filhos. = Castro-  
Laboreiro.  
Depositário em Melgaço—  
Francisco Augusto Igrejas  
—Alfaiataria Félix.

**FOLHETIM**

N.º 5

**Martírios da vida**

**ROMANCE**

por  
**P.º Silvino de Sousa**

II

—Filha, há três virtudes  
na vida, que são as três es-  
trélas da alma—Fé, Esperan-  
ça e Caridade.

Há três sóis no mundo que  
são os três faróis do heroísmo  
—crença, aspiração e amor.  
Tende, pois, fé em Deus, es-  
perança no céu e caridade nas  
lágrimas... não choreis tan-  
to, que os olhos vos murchem!

No infortúnio tende crença,  
na desgraça, aspirações e a

vossos suspiros, amor... não  
deixis tantos ais! que o peito  
vos estala e o coração vos  
morre!

—Oh! senhor, deixai-me  
chorar: meus olhos já não  
veem, porque lhes foi a luz...  
meu peito não estalará de  
dór, porque da dôr vive ele  
desde o berço... meu coração  
não mãe; depois tratarei de  
ti, anjo arremessado à terra  
pelo vento do infortúnio.  
Adeus. E saiu, beijando-lhe  
as mãos os olhos deste velho.  
As lágrimas que o escutavam.

—Helena, segue os conse-  
lhos deste velho. As lágrimas  
orvalhadas em faces tão puras  
podem fazer secar a flôr de  
tua vida, e os lamentos pro-  
longados do teu peito doloroso  
podem abafar-te o coração.  
E estão aqui cinco creanças  
que mais finos e generosos  
sentimentos e reflectia na  
situação daquela orfã, da pobre  
Helena, com suas trevas e  
monotonia.

O dr. Brito já tinha parti-  
do antes do bom abade, por-  
que não podia resistir aos  
bates de tanta e intensa dôr.  
Em seu coração albergava os  
sentimentos e reflectia na  
situação daquela orfã, da pobre  
Helena, com suas trevas e  
monotonia.

—Pois sim, senhor. Tor-  
daquella orfã, da pobre Helena,  
e embora os só no mundo e  
tão formosa.

A tarde, quando o sol pá-  
lido e frouxo olhava dentre  
umas nuvens pardacentas e  
frias, deslizava um cortejo fu-  
nerário em direcção ao cemité-  
rio de S. João. Um velho  
sacerdote recitava os sublimes  
versos do «Miserere» com o  
sentimento mais profundo, e  
na rétaguarda dum esquife  
bem humilde caminhava tam-  
bém, como louca, uma donze-  
la parecendo a estátua da  
amargura, encarnada em mu-  
lher humana. Era a infeliz  
Helena. Chegou aliim a noite  
com suas trevas e monotonia.

(Continua)

# Viuva de Domingos A. Alves & Filhos

Estabelecimento de fazendas, ferragens e miudezas  
Praça da República, 3, 4 e 5--Castro-Laboreiro--Melgaço

Neste antigo e conceituado estabelecimento encontra-se à venda pelos mais reduzidos preços, um grande e variado sortido de fazendas para fatos, em lindos padrões: um grande sortido de calçado da última moda a preços sem competência; ferragens de fabricação esmeradíssima e o mais completo sortimento de miudezas.

Não compreis nada sem primeiro visitar este estabelecimento, pois é o que vende mais barato, atendendo a que compra directamente ás fábricas.

## António Bento Domingues Cordas

Estabelecimento de fazendas, mercearia, calçado, ferragens e miudezas  
CASTRO-LABOREIRO — MELGAÇO

Este estabelecimento vende tudo que há, das melhores marcas, tanto artigos nacionais como das melhores fábricas estrangeiras.

Quem desejar fazer boas compras, visite este antigo estabelecimento, pois poderá comparar os preços e qualidades.

Preços sem competência.

VENDAS A DINHEIRO

## Ós para coleções Capotes à Alentejana

Faço permutas de sélos tais por quantidades ou e Ivert et Tellier. Tanto muito sélos nacionais por angeiros, como estes por ionais.

Herculano Pinheiro  
MELGAÇO

Fazenda para Capotes à Alentejana e bons forros para os mesmos, tem o estabelecimento de Viuva de Domingos A. Alves & Filhos.

Praça da República, 3, 4 e 5—Castro-Laboreiro.

## Novo estabelecimento

— de —

José Augusto Domingues  
CORREDOURA — PRADO — MELGAÇO

Neste novo estabelecimento encontram-se à venda por módicos preços, o mais variado sortido de fazendas para inverno; cotins, flanelas, riscados, grande variedades em Montanhaques de fabricação portugueza; ferragens de toda a especie; mercearia em grande escala; miudezas e outros artigos, assim como o afamado Sal de Setubal.

Recomendamos também a todos os alfaiates e costureiras as belas máquinas secretárias, que se encontram à venda neste conceituado estabelecimento. Vendas a Dinheiro.

Vêr para crêr.



Farinha Pellosa Ferradissa  
da Farmacia Fradua

Pedro FALCO & C  
Proprietario geral  
RUA DE BELÉM, 117 - LISBOA

Esta farinha é preo pido de madio, feito pela sua accio torca reconhecida, de mais reconhecido proprio ma pessoas auctenticas, de consiliado fraco, em geral, que cai com de forras na "ganhamo", e no mesmo tempo um excoente allimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debili ou enfermo, para convalescencia, e para pessoas idosas ou debilitadas.  
Esta farinha é autenticada e legalizada.